



O conceito de empresário na história

The concept of businessman in history

10.56238/isevmjv3n3-010

Recebimento dos originais: 16/04/2024

Aceitação para publicação: 06/05/2024

Luiz Gonzaga de Sousa

Doutor em Desenvolvimento, Sustentabilidade e Competitividade

Mestre em Economia Rural e Bacharel em Ciências Econômicas

Escritor

Palestrante

RESUMO

Este ensaio objetiva, explicar o conceito de empresário para leigo, que não tem compromisso com o mundo científico, mas pronuncia as palavras do dia a dia, com sentido geral. A metodologia utilizada é investigação nos livros científicos, escritos ao longo do tempo, quando a forma de negociação difere, ao tentar compreender como esse termo surgiu e está ligado às relações econômicas normais. O interessante, é que o comércio em uma sociedade tem crescido bastante, com diferente concepção do termo empresário, que aumenta com a abertura de empreendimento, que negocia produtos excedentes de alguém. Assim, vai-se analisar o empresário e sua história, em todos os seus detalhes ao longo dos tempos, que a sociedade precisa, e é oferecido por alguém externo à família; daí, conclui-se que qualquer pessoa não envolvida na produção direta, atua no mercado de forma indireta.

Palavras-chave: Conceito de empresário, Metodologia, Negociação, Mercado, Relações econômicas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo, explicar o conceito de empresário ou empreendedor para leigo ou para a população que não tem compromisso com o mundo científico, mas pronunciava as palavras comuns do dia a dia, com sentido muito geral.

A metodologia utilizada aqui é investigação detalhada nos livros científicos escritos ao longo do tempo, quando a forma de negociação difere abruptamente ao longo da história, ao tentar compreender como esse termo surgiu e está ligado nas relações econômicas de todos os tempos.

Assim, existe a visão da filosofia antiga do atomismo, ao passar pelos clássicos, neoclássicos e keynesiano, interagindo com o schumpeterianismo até os tempos modernos, com visões diferentes em cada tempo e atuação, frente a comercialização dos produtos excedentes ou negociáveis.

Óbvio que se pressupõe o uma pessoa cria uma atividade, cujos resultados servem, em primeira instância, para a sobrevivência ou subsistência da família e, uma segunda parte serve para



a manutenção dos negócios ou comércio, em todos os sentidos, inclusive um ganho para diversificar o comércio e oferecer mais opções à sociedade e um lucro para o dono de tal atividade.

Um ponto interessante, é que o comércio em uma sociedade tem crescido bastante com diferente concepção do termo empresário, ou empreendedor que aumenta assustadoramente na abertura de um empreendimento ou instituição que negocia produtos excedentes de alguém.

Assim, vai-se analisar o empresário e sua história, em todos os seus detalhes ao longo dos tempos que tem aparecido vantagens que a sociedade precisa e é oferecido por alguém externo à família; daí, conclui-se que qualquer pessoa não envolvida na produção direta atua no mercado de forma indireta.

2 O EMPRESÁRIO E SUA HISTÓRIA

Este artigo tem o objetivo de discutir o conceito de empresário ou como muito denominam de empreendedor, isso nas acepções populares até o entendimento científico do termo em debate. Para tanto, tem-se que navegar pelo tempo e entender a origem dessa palavra, indo aos primórdios da humanidade, à filosofia a mais antiga possível para tentar compreender de onde vem esta palavra enigmática. A idéia aparece no pensamento dos atomistas, com a formação das primeiras trocas pelo excedente que foram sendo gerados e as necessidades surgindo por algo que internamente produzia e era necessária para sobrevivência do grupo.

No início do aparecimento da humanidade, como seres pensantes, o ser humano inventava a sua própria sobrevivência em consumo e outros apetrechos para seu aprendizado e construir o ambiente onde vivia. Os grupos circulantes se instalaram em determinado local obtendo os seus bens de consumo e iniciando um processo de troca com os vizinhos, caracterizado como escambo. Cada grupo individualizado, era executor de sua própria produção, quando em troca, aparecia como uma forma de empresário ou empreendedor de suas atividades para alimentação de sua família e do grupo.

Com essa formação fomentou-se o empreendedor, ou empresário, depende do ângulo que a pessoa enxerga tal definição em seus primórdios e daí, alguns acumularam pouco e outros acumularam mais e muito mais. Óbvio, que para a concepção clássica a acumulação de capital não era tão intensa, vista pelos filósofos antigos, como atomismo, isto significa dizer, todos eram iguais. Assim sendo, aquele que produzia, era o produtor, o empreendedor ou empresário, o administrador e o gerentes dentro da filosofia da atomização, daí se poder investigar um produtor e tomar como parâmetro para todos de forma igualitária.



Sem dúvida, é evidente que as relações sociais mudam, o processo de produção evolui, vão surgindo novas formas de conexão econômicas, ao aprimorar definições adaptáveis às novas modalidades de atuação. Inegavelmente, o produtor e empresário não seriam os mesmos ao longo da história que separa os conceitos, tornando-o mais enxutos e individualizado. Ainda continua esse processo socioeconômico; porém, o produtor já está separado do empresário ou empreendedor, claro que não em seu total, mas já se visualiza o produtor de um lado e o empresário do outro como duas coisas distintas e interligadas ao mesmo tempo.

Nesta abordagem histórica e utilizando-se de alguns filósofos consagrados, há reconhecimento que a origem do conceito de empreendedor está, inicialmente, nos trabalhos de Richard Cantillon (1680-1734), que viveu no século XVIII. No seu tempo, Cantillon, colocou em seu “Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral (1755)”, a definição de empreendedor como aquele indivíduo que comprava matérias-primas por um preço certo e as vendia a terceiros, depois de processá-las, a um preço incerto, quando identificava como uma oportunidade de negócio e assumia riscos em sua forma de transação.

Ainda tentando assimilar melhor a linguagem de Cantillon quando ele compreendia, que, se existisse lucro, ou ganho, acima do esperado, isto aconteceria porque o ser humano tinha feito alguma coisa nova e de forma diferente, isto significa dizer, havia inovado neste processo. Embora sem segurança no que estaria fazendo em termos de economia social, ele foi, em verdade, o iniciante no emprego do termo *entrepreneur*, especificamente como empreendedor como se expressa na atualidade, em termos de algumas instituições de fomento, ao financiar locais subdesenvolvidos, ou como é chamado normalmente de pobres, sem condições de empreender.

Um outro estudioso desta questão foi Jean-Baptiste Say (1767-1832) que fez a distinção entre os empreendedores e os capitalistas (rentistas). Ele elaborou uma teoria das funções do empreendedor e atribuiu-lhe um papel de especial importância no processo de crescimento da economia em sua forma geral. Por conseguinte, o empreendedor, entretanto, é um agente econômico racional e mutável que trabalha em um universo de certezas, ou, ainda, é aquele que, utilizando os conhecimentos colocados a sua disposição pelos filósofos anteriores, congrega e combina os diferentes meios de produção, para inventar produtos úteis à sociedade.

Em Alfred Marshall (1842-1924) reconheceu a necessidade dos empreendimentos para uma produção organizada, no final do século XIX, em seu livro de 1892. Para ele, o empreendedor era um indivíduo “capaz de julgar com prudência e de correr riscos corajosamente”, agregando e gerenciando o capital e o trabalho, necessários a um empreendimento. Para Marshall “os empresários eram considerados como uma categoria industrial altamente especializada”; assim, o



empreendedorismo estava relacionado com algumas habilidades que poucas pessoas possuíam. Ele levava em conta que tais habilidades podiam ser adquiridas. Para ele a organização, como o empreendedor, é o quarto fator, ao coordenar o capital, trabalho e natureza.

Tais pensamentos, advém dos filósofos ancestrais, que foram utilizados pelos estudiosos dos termos ou categorias econômicas, para uma estruturação da economia, tal como se conhece hoje em dia. Para os clássicos, um sistema econômico, deveria ser uma economia livre, obviamente, sem a participação de algo regulador externo, cujos participantes seria uma infinidade, os agentes econômicos poderiam se movimentar para onde quisessem, sem qualquer proibição, ainda mais, os produtos ou as mercadorias seria homogêneas e assim, a economia seria ajustada por algo desconhecido, como se fosse uma mão invisível smithisiana.

Em uma versão mais moderna, Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) se refere ao empreendedor, como justamente, a capacidade de um empresário inovador em combinar inovações tecnológicas e crédito, ou seja, a realização de combinações novas e o inovador é o indivíduo capaz de realizá-las. Assim diz Schumpeter que uma pessoa é um empresário quando claramente termina alguma combinação que gera um produto e acaba esse processo de montagem de seu negócio. Desta feita, o empreendedor dito schumpeteriano não é o gerente ou diretor de uma firma, aquele que dirige um negócio estabelecido, mas um líder que toma iniciativa, tem autoridade e faz previsão com significante probabilidade de acerto.

A palavra empreender advém de *imprehendere* do latim, que significa em português “empreender” ao aparecer no século XV. Em seu sentido etimológico, empreender significa literalmente: Nova Fronteira, que provavelmente tenha surgido no século XVI. No entanto, a expressão “empreendedorismo” apareceu da tradução do inglês “entrepreneurship” composta da palavra francesa *entrepreneur* com *ship*, que significa qualidade. Assim, empreendedorismo, entende-se também como a arte de inventar com criatividade e motivação, ao consistir no prazer de realizar com convicção e inovação, qualquer ideia pessoal ou de grupo, com coragem permanente frente às oportunidades e riscos envolvidos e assim, enfrentar um comportamento em ação, diante de pontos que precisam ser compreendidos.

Além do mais, o empreendedorismo é como se fosse uma intuição do indivíduo para por em prática de maneira eficiente as sua potencialidades racionais e sonhadora. De uma forma ou de outra, significa a busca de auto-conhecimento, como um aprendizado constante, como se lançar para novas experiências e novos paradigma ou modelo para mudança. O empreendedorismo é uma forma de inventividade que o ser humano tem de implementar produção, de implantar comércio,



de criar formas de serviços e de dinamizar um ambiente econômico em suas vertentes comerciais e organizacionais ao suprir a sociedade frente aos seus desejos.

Com pouco mais de detalhe, observa-se nas palavras de Schumpeter (1988), que o empreendedorismo ser um processo de “destruição criativa”, por conta de produtos novos ou métodos de produção existentes passar por um processo de destruição e substituição por novos produtos, isso significa dizer que a um processo de transformação de pensamento em realidade e em novas riquezas. Foi neste sentido que Schumpeter (1988, p. 48) explicou que “o empreendedor promove a inovação, sendo essa radical, pois destrói e substitui esquemas de de produção vigentes. Baseado nessa premissa nas o concentio de destruição criativa”.

Nesse ponto, a concepção schumpeteriana se separa com outra vertente analítica, que concebe a função empresarial exatamente como a de quem assume o risco. Esse tipo de visão ganha aprimoramento com sua diferenciação entre o risco - que é medido - e a incerteza. Assim, numa situação ideal onde não houvesse incerteza, os homens poderiam se concentrar em fazer as coisas de um modo automático, dispondo de toda informação necessária, para se adequarem às mudanças de ambiente de uma maneira mecânica. Todavia, se a incerteza é algo certo, o simples fazer as coisas, tal como a execução de tarefas, torna-se atividade secundária e o que importa é decidir o “que” e o “como” fazer.

Ainda em Schumpeter (1984: 140-141), verifica-se que, como quase todas as realidades sociais, a figura do empresário é uma construção histórica, quer dizer, sua imagem, sua recepção pela sociedade, sua valorização social dependem, ou antes, são resultados de uma complexa trama de circunstâncias em que estão presentes desde aspectos objetivos: a situação conjuntural da economia e suas repercussões sociais, até as interveniências surgidas da estrutura cultural, dinâmica política, hegemonia ideológica e luta de classes. Assim sendo, diga-se, não há o empresário fixado, de uma vez por todas, por seus atributos funcionais, papel social ou pelas vicissitudes da sorte, senão que há, individual e coletivamente, uma imagem permanentemente retocada e mutante, que denotam o lugar e a legitimação do lucro e seus detentores em cada contexto histórico.

Todavia, Schumpeter almeja identificar as causas internas que explicam as mudanças periódicas dos sistemas econômicos. A existência de empresários empreendedores é um dos fatos motivadores à prosperidade. O empresário é quem realiza as novas combinações, obtendo lucros acima da média. Assim, há transferência de meios de produção para os ramos dinâmicos. No entanto, o crédito canaliza a transferência do poder de compra independentemente de poupança prévia da empresa. Pois, a existência de lucros nos setores inovadores impulsiona o movimento da



valorização do capital. Esse processo é contido pelo aparecimento de imitadores, que intensificam a concorrência interempresariais dentro dos ramos dinâmicos.

Joseph Alois Schumpeter era contemporâneo de John Maynard Keynes que proporcionaram avanços na economia, que estava em crise profunda para a época, isto é 1929, cujas contribuições tiram o mundo do caos que estava passando. Por sua vez, Keynes, pegou um gancho na teoria neoclássica e tratou a economia como um todo, investigando o comportamento da sociedade de uma maneira geral e não individualístico, como a economia clássica. Neste tempo, houve uma dissociação na investigação de um consumidor ou um produtor, que se tornaram modelos ou típicos para uma análise média de seu conjunto.

Do ponto de vista do CEBRAE, observa-se o comportamento empreendedor é a capacidade de detectar oportunidades, enfrentar risco determinado e inventar alguma coisa nova, ou melhorar alguma coisa que já exista. Assim, é uma habilidade de grande valia, não somente para quem almeja começar um negócio, assim como, para quem tem pretensão de progredir em suas transações comerciais. Desta feita, alguns pontos são essenciais para um empreendedor, tais como: ter uma mentalidade de crescimento; ser criativo; ser corajoso; ser otimista; ser líder; ser inovador; ser ambicioso; ser persistente; ser flexível e ser colaborativo.

Na atualidade, existe uma confusão significativa entre as concepções no que respeita a um empresário e um empreendedor, tendo em vista que os dois termos se confundem, frente o que cria, ou inova e o que aceita aquele momento, com algum custo de oportunidade, para instalar um negócio, que dure algum tempo, no caso vinte ou trinta anos em seu mínimo, porque não é o fato de alguém estabelecer um comércio em um ponto e ser viável no curto como no médio prazo, sem qualquer base para se localizar naquele ambiente, cujo negócio não flui e o prejuízo é iminente, sem qualquer perspectiva de retorno.

Na teoria keynesiana, que explica o comportamento dos agentes econômicos e não individualisticamente, como fizeram os clássicos e neoclássicos, da teoria dos preços, que o dono de uma empresa era o dono, o administrador e o gerente, sem delegar a outrem o seu comando. Quando Keynes investigou a forma de ação dos agentes econômicos, ele fez a diferença entre o dono da empresa e o empresário, que podem coincidir, mas, no geral, são diferentes, por conta da maneira de atuação que todos atuam dentro da atividade econômico, pois o empresário é mais dinâmico, ao criar mercados, ao inovar e ao fomentar uma expansão econômica.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este artigo, ou ensaio, faz-se necessário colocar que a concepção de empresário ou empreendedor, é um termo ainda em construção, visto que, aplica-se esta definição em qualquer intercâmbio comercial, cuja compreensão diz-se respeito a algo que aumente a renda nacional, ou o bem-estar de todos.

Inegavelmente, a definição de empresário, tradicionalmente, aparece como aquele que cria empresa, que dinamiza o seu negócio, aquele que dirige eficientemente uma empresa, porém esse entendimento vai muito além que convencionalmente e caracterizado, visto que no mundo tudo muda.

Com esta colocação, verifica-se que, para não ficar muito restrito à concepção tradicional, empresário aparece agora como empreendedor que aparece com algumas diferenças fundamentais, por conta do aparecimento de algumas características importantes que distingue esses dois termos.

Não se pode esquecer que o produtor quer seja agrícola ou industrial, ele cria negócios, a princípio, individualmente como negociante e gerente ou administrador que vende os seus excedentes para suprirem a sobrevivência da família de coisas que não produzem internamente.

Com o tempo, o termo empresário depois empreendedor, se torna um termo confuso e cada vez mais se aperfeiçoando, devido a criatividade do ser humano produtor em suas diversas acepções, cuja produção se torna mais complexa e mais difícil de entender o termo empresário ou empreendedor em uma economia complicada como se tem hoje em dia.

Finalmente, deve-se ficar claro que o o entendimento sobre empresário, fica distante de um clareza precisa, tendo em vista que a sociedade se transforma a cada instante, surgindo novas visões, novo emprego desse termo que está no âmago da economia e sociologia para caracterizar os negócios e o comércio dentro de um sistema econômico.



REFERÊNCIAS

Cantillon, Richard (1680-1734). Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral (1755). Curitiba, Segesta Editora, 2002.

CEBRAE. Manual da Instituição de Orientação ao Microempreendedor em seu processo de extensão. Paraíba, Gráfica própria, 2020.

Keynes, John Maynard (1883-1946). A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

Marshall, Alfred (1842-1924). Princípios de Economia: tratado introdutório. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. 1996.

PAULA, João Antonio de, CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama e ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta de. Teoria Econômica, Empresários e Metamorfoses na Empresa Industrial. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, TEXTO PARA DISCUSSÃO N°133. 2000.

Say, Jean-Baptiste (1767-1832). Tratado de Economia Política ou exposição simples do modo como se forma, distribui e compõe a riqueza. França, Ed. Crapelet. 1803.

Schumpeter, Joseph Alois (1883-1950). Capitalismo, Socialismo e Democracia. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura S. A. 1961.